



Resenha

Narrativas Periféricas

Peripheral Narratives

Narrativas Periféricas

Narratifs Périphériques

Obra: Narrativas periféricas: entre pontes, conexões e saberes plurais

Autor: Érica Peçanha (org.)

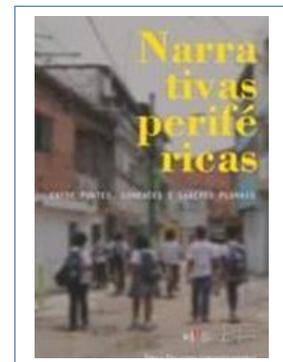
Cidade: São Paulo

Editora: Amavisse

Ano: 2020

Páginas: 260 p.

ISBN: 978-65-88152-06-5



Sandra Regina Ramos Braz¹

¹ Psicóloga pela Universidade Ibirapuera, São Paulo, SP, Brasil, mestranda pelo Programa de Psicologia Social do Instituto de Psicologia e, e pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Política, Políticas Públicas e Multiculturalismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

O livro “Narrativas periféricas: entre pontes, conexões e saberes plurais”, organizado pela Érica Peçanha, é uma coletânea de textos e relatos dos pesquisadores e moradores envolvidos no Centralidades Periféricas, no Censo Pontes e Vivências de Saberes e Conexões USP-Periferias do projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais (Peçanha, 2020). Projeto com o objetivo de aproximar a universidade das periferias e favelas reconhecendo o papel destas para produção de conhecimento e do reconhecimento de suas potências (Peçanha, 2020a; Silva, 2020). Entre os relatos há reflexões, história de vida, ensaios, textos literários e poesias o que suscitou várias reflexões que articulam com a pesquisa que desenvolvo, mas também com aspectos da minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional. Em função desses aspectos compartilharei elementos da minha pesquisa de mestrado que está em desenvolvimento. No entanto há ainda outras vertentes no livro relacionando temas das artes e produção cultural (Marinho, 2020; Grossmann, 2020), da produção acadêmica sobre periferias (Peçanha, 2020b; Penha, 2020), a dimensão

do campo (Santos, 2020; Sato, 2020) entre outros autores e temas.

O texto discutido, em consonância com os diferentes atores que compartilharam suas histórias e contribuições, apresenta similaridade em suas falas, no que tange a potencialidade presente nas periferias, que são esquecidas, em detrimento ao foco que é dado à escassez material nos territórios, de modo que a riqueza de saberes e vivências ficam marginalizados.

A obra organizada por Érica Peçanha, escrito por diferentes autores, vai desenhando uma riqueza de detalhes, que nos convida a refletir sobre os muros que são construídos entre sociedade civil e instituição pública acadêmica, que por vezes, tais construções não são estabelecidas apenas de forma concreta, mas também no imaginário da população, que não se vê ocupando os espaços das universidades públicas, ou, mesmo, desconhece seus direitos no que tange ao acesso educacional superior.

Questões essas presentes na fala de Ericsson Michel Silva Magnavita (2020),

Sempre associei a USP à parte administrativa, que, no meu ponto de vista, é a que acaba deixando a gente de lado em inúmeras questões, até mesmo na questão do acesso dos moradores da São Remo à USP, com argumentos que, para mim, são chulos, não têm sentido, (...) Se eu tivesse tido uma atenção maior, eu não seria só o moleque que estava dentro da USP, eu poderia ser o moleque que estudou na USP, entende? (p. 121).

Outro ponto a destacar, são as questões de pertencimentos, presentificados nas narrativas, no que se refere estar na USP, por exemplo, como funcionários atendendo a demanda de trabalho e não como usuário dos espaços. E a manutenção da permanência

quanto discente, quando este, não se vê nos espaços da universidade. Como o relato que segue, de Diana Enriquez Cueva (2020): “Estar na USP ocupando o lugar de aluna de graduação às vezes me deixa frustrada. As questões de permanência que se colocam contra mim frequentemente me fazem questionar se realmente pertencço àquele lugar” (p.57).

Como o próprio texto diz referente aos saberes plurais, fica o questionamento, quais são os atravessamentos que os autores estão falando, quando mencionam o fator pertencimento? Tal interrogação estaria correlacionado tão somente à materialidade, ou, existiria um valor cultural, que os coloca neste lugar de não pertencimento?

À medida que vamos lendo os relatos é perceptível os meandros que são colocados, referente ao valor cultural desenvolvido nas periferias, e o distanciamento entre a cultura periférica e a cultura acadêmica.

Deste modo, Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos Santos (2020), Idealizadora e organizadora do “Novembro Negro” (EACH-USP, 2019), pesquisadora e supervisora de campo no projeto Democracia, Arte e Saberes Plurais, vai dando contorno relacionado a possibilidade de conexões, mesmo quando os espaços territoriais são atravessados por estruturas/sistemas que disseminam narrativas desestimuladoras,

As relações sociais dentro da USP não diferem da realidade encontrada para além dos muros institucionais: a necessidade de reafirmação constante diante do racismo estrutural e a inferiorização/questionamento da minha produção acadêmica forçame a pensar estratégias de sobrevivência dentro de um espaço majoritariamente elitista e embranquecido, (Santos, 2020: 43).

Ou seja, existe uma complexidade no âmbito educacional superior, que precisa ser olhado e refletido conjuntamente, para que as estratégias de permanência não seja uma responsabilidade individual, mas de todos os atores que compõem a comunidade universitária.

Como dito linhas acima, concernente a intersecção entre a obra aqui apresentada e minhas trajetórias acadêmicas, compartilharei elementos da pesquisa que discutem questões referentes à noção do mundo do trabalho, mais especificamente a noção liberal de sucesso e fracasso profissional entre jovens vulnerabilizados socialmente e, como essas noções perpassam o processo educativo.

Além do tema de pesquisa, considero apresentar o meu percurso progressivo à entrada ao curso de pós-graduação, pois a trajetória escolar assim como a atuação em outras áreas se assemelha e se aproxima das narrativas do livro.

Esse exercício se pauta na importância da história na vida do sujeito. Walter Benjamim faz referência às experiências vividas, e pontua que elas transcendem o caráter de informação, se configurando em narrativa (Walter Benjamim 2012 apud Borges, 2017).

Deste modo, a história é um elemento importante para localizar o leitor no tempo. Logo, as experiências geram histórias que carregam consigo diferentes atores, diversas relações, tempos, decisões, momentos duradouros que registram as ações e trazem ensinamentos. Enquanto, a informação, tem um caráter passageiro, e pode se perder no tempo. Mesmo as histórias tendo suas nuances, diferentes tempos, ela localiza o sujeito nos mais diversos contextos que os orienta referente às transformações, a sociedade, os costumes e vivências.

Desta maneira, resgatarei parte do registro de minhas experiências no universo educacional, marcada por diferentes atravessadores, iniciando com a apresentação dos meus genitores.

Mas antes, é necessário pontuar a narrativa de Rafael Pompeu da Silva (2020), que mesmo localizado em tempo e espaço diferente à minha trajetória escolar, revela um projeto social de sistema liberal econômico, que traz marcas as quais além de individualizar os problemas sociais, estigmatiza o sujeito quando este se organiza para ascender às limitações que a ele são impostas.

No meu último ano de faculdade, em 2019, precisando de dinheiro para me manter no curso, arrumei um trabalho vendendo água na rua da universidade, ao lado do metrô. Foi quando senti mais fortemente a discriminação por parte dos outros alunos da minha turma. Aquilo me cansou não só pelo serviço, mas sim pelas microviolências, que queriam me afastar para longe da graduação. Mesmo assim, não desanimei, existiam motivos maiores que me mantiveram firme, (Silva, 2020: 34-35).

Um relato de discriminação pautado em estruturas sociais, que denuncia a fragilidade para a garantia de direitos sociais.

Retomando o registro da minha história, meus pais se desenraizaram de sua terra natal, nordeste, vindo para a região sudeste no território brasileiro. Eles não foram poupados de formas discriminatórias, assim como muitos brasileiros nordestinos e população negra. O desenraizamento proporcionou moradia em bairros periféricos, serviços proletariados, pouco conhecimento escolar, mas vieram objetivando a inserção no mercado de trabalho na região sudeste, para melhores condições de vida.

As experiências deles suscitaram esforços para que suas filhas pudessem ter acesso aos estudos, para a partir do conhecimento escolar poderem ter um desfecho melhor no mundo do trabalho. Meus genitores me matricularam em escola pública, onde iniciou minha trajetória escolar, e transcorreu todo o meu percurso, e tendo o cuidado para que estivéssemos em escolas que eram consideradas boas.

Dito isto, no entrelaço das narrativas, nos deparamos no relato de Fagner de Souza Gonçalves, que igualmente foi subsidiado pelos genitores, que não mediram esforços para matriculá-lo em escolas que pudessem minimamente proporcionar um conteúdo educacional melhor e de boa qualidade, “minha mãe sempre optou por me matricular em escolas localizadas nos bairros que ela julgava “melhores””, (Gonçalves, 2020: 61)

A realidade em dias atuais, para muitos, não difere da realidade que vivenciei no que tange ao sistema educacional de preparo e formação. No ensino básico, quando o aluno tinha dificuldades de compreensão, responsabilizava-se o aluno, ou, os pais, para que filho e pais encontrassem alternativas para resolver a questão. No ensino Fundamental II, cobrava-se excelência no desempenho escolar, mas não presenciei discussões críticas e de direcionamento para a entrada em universidades públicas, presentificando-se um hiato entre formação de ensino médio e ensino superior, tornando distante a possibilidade de ocupar um lugar conhecidamente privilegiado.

A relação professor e aluno, era conteudista, e não abarcava construções que pudessem proporcionar êxito sobre os entraves do sistema liberal, individualizante e de segregação ao conhecimento acadêmico superior.

Embora na época em que eu estava no ensino médio, houvesse alguns cursinhos populares, tal como movimentos sociais, que cumpriam papel importante de orientação e encaminhamentos que auxiliavam os jovens da classe pobre, sobre as possibilidades de ensino de preparação para vestibular, eu não tinha conhecimento desses espaços.

Não havia discussões no ensino médio, sobre alternativas populares de preparação para o vestibular, e nem conhecimento ou orientação via ente familiar, sobre tais possibilidades supramencionadas. As preocupações da época, eram em torno da inserção no mercado do trabalho, como forma de garantir a materialidade. Situação semelhante à narrada por Kaio Gameleira da Silva Pinto (2020) que questiona esse distanciamento do ensino público das universidades públicas e a importância de cursinhos populares e outras iniciativas como pré-iniciativas científicas.

Estas histórias não estão isoladas, embora tragam suas nuances, retratam as dificuldades enfrentadas por diferentes alunos negras e negros, não negros pobres, de região periférica. Por entender que a população negra são as mais atingidas com a desigualdade social, haja visto ser o maior número de pessoas em percentual no Brasil, segundo o IBGE são 55,8% até o ano de 2018, é importante destacar a questão cor/raça, nesta reflexão.

As dificuldades presentificadas na trajetória educacional se configura em diferentes dimensões, e o fator *avaliação* para aquisição de notas, desde o ciclo básico, quando apresentava resultados não satisfatórios, proporcionam a culpabilização e individualização do aluno, desresponsabilizando o professor de qualquer parcela de responsabilidade na trajetória escolar do aluno, estigmatizando o aluno

como problema, ou, de “fracasso” escolar, Patto (2015).

Segundo Maria Helena Souza Patto (2015) a compreensão sobre o conceito “fracasso” nos espaços educacionais, salientam ideais de meritocracias nas escolas públicas, sustentado pelo sistema liberal econômico, e propagações equivocadas por diferentes pesquisadores que assevera ser o “fracasso” no ambiente escolar, uma responsabilidade do aluno, de seus familiares e da ausência de investimento concreto por parte do Estado.

Segundo Lineu Norio Kohatsu (2015), discutir o conceito “fracasso” escolar, é expor a construção histórica e avaliar quais resultados foram atingidos nos espaços educacionais e quais são os desafios a serem enfrentados. Mesmo depois de 25 anos de publicação da obra de Patto (2005) persistem questões das quais foram denunciadas no sistema educacional, que continuam atribuindo aos usuários das escolas públicas a responsabilidade pelo “fracasso” escolar, com a anuência do conhecimento psicológico.

Sabe-se que é um assunto caro, falar sobre a educação, e como mencionado acima, não difere da atual conjuntura política, educacional, social, econômica, cultural, e de direito.

Diferentes fatores contribuem para a manutenção do status quo da desigualdade, e ter uma discussão que versa questões da economia, da política, da cultura, do direito, dentro de uma complexidade, é poder tecer a história reconhecendo os impactos que submete o sujeito em lugares adoeceadores.

Nesta mesma linha de status quo da desigualdade, Saviani (1999) explicita sobre o aparelho ideológico escolar, ponderando questões abstratas, assim bem como objetivas, referentes à formação dos alunos para ocupar um lugar de mera produção,

semelhante aos operários e camponeses que cumpriram a escolaridade básica no intuito de serem introduzidos no processo produtivo, mantendo a desigualdade social e, garantindo os interesses da burguesia.

No que se refere ao status quo da desigualdade escolar, não podemos nos furtar de falar sobre a chegada ao ensino superior, depois de tantos percalços na trajetória de ensino básico ao médio. Como mencionado anteriormente, as informações sobre curso popular preparatório para vestibular, era apartado da minha história acadêmica.

Minha inserção nos espaços de discussões sobre a população negra, e de políticas públicas que garantisse os direitos básicos de acesso ao espaço educacional de qualidade, ocorreu na idade adulta. Essa inserção possibilitou acessar conhecimentos e informações importantes sobre como se apropriar dos direitos garantidos no ensino superior como o acesso público às universidades públicas, programas de inclusão, de ensino e de permanência.

Os cursinhos populares possibilitam conhecimento para o enfrentamento às marginalizações que são impostas, e formação de demandas para políticas públicas (Silva, 2012, 2013, 2018ab). Ainda que nem todos os que ocupam o espaço de cursinho popular, se apropriam de uma consciência política para uma construção democrática, no sentido de materializar políticas públicas para todos, ainda assim, é possível ver um movimento se articulando para o enfrentamento das desigualdades sociais.

E foi a partir dessa trajetória no cursinho popular que ingressei na graduação, e da graduação à pós-graduação, uma trajetória árdua e de persistência, que não se esgota com a entrada na universidade pública, pois requer equilíbrio emocional para o enfrentamento das dificuldades concretas no

escopo da materialidade como a aquisição de livros, participação em congressos, ou, eventos, que por vezes são pagos, bem como da dimensão subjetiva no que concerne a apropriação de um espaço majoritariamente elitista, que com suas atitudes explicitam o estranhamento à ocupação do espaço pelos poucos negros e negras no ambiente da universidade pública.

O Livro “Narrativas periféricas: entre pontes, conexão e saberes plurais” é um livro que retrata as vivências dos mais diversos atores que circundam os campos das universidades públicas, bem como problematiza sobre a importância de realizar a aproximação desses atores ao espaço acadêmico.

Nos relatos apresentados facilmente observa-se a riqueza de saberes, que muitas vezes são ignorados em parte da literatura que evidencia apenas a escassez material e as carências dos moradores periféricos e não as suas potencialidades e inventividade (Fernandes, Silva & Barbosa, 2018).

Nele é explicitado uma organização potente de intelectuais em sua maioria de origem periférica, contextualização do fluxo organizativo para materialização da obra, e apresentação das vivências dos atores que ocupam os territórios em conexão, revelando alunos em potencial, que ao ocupar os espaços da universidade, objetivando ser agentes de transformação, puderam ser impactados em sua visão de mundo, e impactar a vida de outros no sentido de possibilitar que a riqueza das experiências pudessem vir à luz, ou seja, ser conhecida por outros.

Portanto, pensar na experiência, especificamente como negra na universidade e/ou na *inclusão* no meio acadêmico, é um convite para pensar sobre o ambiente, sobre a questão de vínculos, do afeto, do quanto esses

elementos presentificados nas relações, não estão apartados do espaço acadêmico. O processo para a inserção dos negros nas universidades, foi uma trajetória de luta por garantias de direitos.

De acordo com Silva e Braz,

Pensar na questão racial é considerar toda uma estrutura política que pode propiciar fenômenos de estranhamento (Gonçalves, 2017), e que pode ser entendido como uma questão meramente do indivíduo desconsiderando a historicidade de um povo, de um coletivo maior que não se restringe tão somente aos entes próximos que corroboram na construção do sujeito, (Silva & Braz, 2020: 75)

Trabalhar a permanência do aluno pobre, preto/preta, dentre tantos outros estranhamentos, requer uma luta conjunta. Não só a partir de alunos pretos, pretas, e pobres, mas também no vértice institucional (Santos, 2012).

Em local público, subsidiado pelo público, não estamos isentos de atitudes hostis, discriminatória, racistas, ou qualquer outra ação desumana, e particularmente, não fui poupada de ações racistas. Questão essa abordada em rodas de conversas como a *Aspectos étnicos e inclusão no meio acadêmico*, em que refletimos sobre a inserção do aluno negro na universidade pública, as questões de racismo sistêmico¹ e da permanência na universidade. O Grupo de Direitos Humanos do Instituto de Ciências e Biomédicas (ICB-USP), possibilitou a discussão concernente a hostilidade, ao estranhamento, a ação racista, enfrentadas por alunos negros, no que tange a experiência de

¹ Segundo Silvio Almeida “o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencam” (Almeida, 2019:22)

ser negra na USP, no intuito de estreitar a importância em explicitar sobre a necessidade de falar como o processo de inclusão tem impactado a vida das pessoas pretas e pardas, ou seja, os negros.

Nesta perspectiva de apropriação de conhecimento, José Moura Gonçalves Filho diz,

A herança do passado representa um fator de engrandecimento. Isto torna as pessoas maiores e não superiores do que o Outro, não há licença de comando. Os novos precisam aprender com os maiores de maneira livre. A pessoa que tem autoridade é capaz de tornar a pessoa menor capaz. A sabedoria é patrimônio da Humanidade, por isso é um crime cercear jovens de conhecimento, pois a pessoa que tem conhecimento se serviu de conhecimento de outros, então deveria passar o conhecimento à diante” Gonçalves Filho, J. M. (comunicação pessoal, 16 de outubro de 2017).

Pensar em atitudes humanas como menciona Gonçalves (2017) como engrandecimento da pessoa, do humano; nos leva a pensar nas discussões feitas por Sawaia (2001) referente aos afetos, no sentido de ser afetado por, e afetar é possibilitar que as instâncias abstratas e objetivas se coadunem considerando as dimensões política, histórica e psicológica em via de mão dupla. Reconhecendo que o sujeito é passível de ser afetado por essas dimensões, pois as decisões políticas e a história não estão apartadas da constituição do ser humano, que afeta e pode ser afetado.

Possibilitar um espaço de proximidade entre os alunos é um ato de afetar e ser afetado por; promover discussões sobre a institucionalização e as possíveis mudanças, é um ato de afetar e ser afetado por; combater assédios sejam eles em que instância for, é uma ato de afetar e ser afetado

por; promover discussões de perspectivas críticas considerando um contexto de diferenças e desigualdades sociais, é se perguntar por que determinada parcela da sociedade não desfruta das mesmas oportunidades, Guzzo (2015), portanto é ser afetado pela desigualdade e estar sujeito a afetar andando na contramão de um sistema opressor.

Referências Bibliográficas

- Almeida, Silvio Luiz. (2019). *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen. Acessado em 21 de setembro de 2020, de:
- Borges, Gabriel Caio Correa. (2017). A ideia de narrativa de Walter Benjamin e seus desdobramentos. *Revista Lampejo*, 6(2), 63-77. Acessado em 21 de setembro de 2020, de: http://revistalampejo.org/edicoes/edicao-12-vol_6_n_2/artigos/4%20-%20A%20IDEIA%20DE%20NARRATIVA%20DE%20WALTER%20BENJAMIN.pdf
- Cueva, Diana Enriquez. (2020). Algumas reflexões que o Keralux me proporcionou. In: Érica Peçanha. *Narrativas Periféricas: entre pontes, conexão e saberes plurais*. (pp 57-60). São Paulo: Editora Amavise.
- Fernandes, Fernando., Silva, Jailson de Souza., & Barbosa, Jorge. (2018). O paradigma da potência e pedagogia da convivência. *Revista Periferias*, 1(1). Editorial. Acessado em 21 de setembro de 2020, de: <http://revistaperiferias.org/materia/o-paradigma-da-potencia-e-apedagogia-da-convivencia/>
- Godoy-Flores, Iván. (2019). Uma Epistemologia das Políticas Públicas: elementos para a ação pública. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, 9(2), 354-360. Acessado em 12 de Novembro de 2020, de: <https://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/183251>
- Gonçalves, Fagner de Souza. (2020). Nossas favelas: sentimento de pertencimento através da transformação. Em Érica Peçanha. *Narrativas Periféricas: entre pontes, conexão e saberes plurais*. (pp 61-64). São Paulo: Editora Amavise.
- Gonçalves Filho, José. Moura. (2017). *Humilhação Social - Alguns Elementos para o Exame Psicológico de um Sofrimento Político*. Aulas presenciais. SP.
- Grossmann, Martin. (2020). Epílogo: do Rio, zona norte, a Guaraciaba, Keralux, São Remo... Em Érica Peçanha. *Narrativas Periféricas: entre pontes, conexão e saberes plurais*. (pp 237-251). São Paulo: Editora Amavise.
- Guzzo, Raquel Souza Lobo. (2015). Psicologia Crítica: um movimento de ruptura dentro da Psicologia. *Estudos de Psicologia*, 32(3), 519-520. Acessado em 12 de setembro de 2020, de: <https://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2015000300016a>
- Magnavita, Ericsson Michel Silva. (2020). Depoimento de Ericsson Magnavita. Em Érica Peçanha. *Narrativas Periféricas: entre pontes, conexão e saberes plurais*. (pp 117-124). São Paulo: Editora Amavise.
- Marinho, Marcio Vidal. (2020). Centralidades Periféricas – um sonho em construção. Em Érica Peçanha. *Narrativas Periféricas:*

- entre pontes, conexão e saberes plurais.* (pp 211-213). São Paulo: Editora Amavise.
- Patto, Maria Helena Sousa. (2015). *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia.* São Paulo: Intermédios.
- Peçanha, Érica. (2020a). *Narrativas Periféricas: entre pontes, conexão e saberes plurais.* São Paulo: Editora Amavise.
- Peçanha, Érica. (2020b). Uma trajetória entre tantas narrativas. Em Érica Peçanha. *Narrativas Periféricas: entre pontes, conexão e saberes plurais.* (pp 217-222). São Paulo: Editora Amavise.
- Penha, Leandro Oliva. (2020). Carta ao tempo. Em Érica Peçanha. *Narrativas Periféricas: entre pontes, conexão e saberes plurais.* (pp 231-236). São Paulo: Editora Amavise.
- Pinto, Kaio Gabriel Gameleira da Silva. (2020). Da Vila Guaraciaba para a USP, da USP para a Vila Guaraciaba. Em Érica Peçanha. *Narrativas Periféricas: entre pontes, conexão e saberes plurais.* (pp 23-28). São Paulo: Editora Amavise.
- Santos, Gislene Aparecida dos. (2013). Eichmann, o Racismo Institucional e as Políticas Públicas: reflexões sobre o PIMESP e outras políticas. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, 3(1), 113-131. Acessado em 114 de agosto de 2020, de: <https://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/97889>
- Santos, Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos. (2020). A quebrada resiste! Em Érica Peçanha. *Narrativas Periféricas: entre pontes, conexão e saberes plurais.* (pp 43-48). São Paulo: Editora Amavise.
- Santos, Paulo Rogério Nunes dos. (2020). O projeto para as diversas comunidades e suas singularidades. Em Érica Peçanha. *Narrativas Periféricas: entre pontes, conexão e saberes plurais.* (pp 191-196). São Paulo: Editora Amavise.
- Sato, Danilo Pereira. (2020). Com quantas pessoas (e dias) se faz um censo?. Em Érica Peçanha. *Narrativas Periféricas: entre pontes, conexão e saberes plurais.* (pp 125-128). São Paulo: Editora Amavise.
- Saviani, Dermeval. (1999). *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política.* Campinas: Autores Associados.
- Sawaia, Bader. (2001). *As artimanhas da exclusão.* Vozes. Petrópolis.
- Silva, Alessandro (2012). *Psicologia Política, movimentos sociais e políticas Públicas.* Tese de Livre Docencia. Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Silva, Alessandro Soares da. (2013). Um enfoque psicopolítico das políticas públicas. *Revista Electrónica de Psicología Política*, 11(30), 1-6. Acessado em 12 de maio de 2019, de: https://www.researchgate.net/publication/344664075_Un_Enfoque_Psicopolitico_de_Las_Politicasy_Publicas_Un_Enfoque_Psicopolitico_de_Las_Politicasy_Publicas
- Silva, Alessandro Soares da. (2018a). A Ação Pública: um outro olhar sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, 8(1), 194-204. Acessado em 12 de Novembro de 2020, de: <https://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/175154>
- Silva, Alessandro (2018b). Um Esboço do que poderia ser a Psicologia Política da Ação Pública. *Cadernos da ANPEPP, GT 62, Psicologia Política.* Acessado em 25 de fevereiro de 2018, de: <https://www.researchgate.net/publicat>

[ion/344134091 Um Esboco do que poderia ser a Psicologia Política da Acao Publica](https://www.researchgate.net/publication/344134091)

Silva, Alessandro Soares da., & Braz, Sandra Regina Ramos. (2020). Orientação Vocacional, Raça e Poder: implicações psicopolíticas de processos de dominação social. *Revista Electrónica de Psicología Política*, 18(44). 59-79. Acessado em 12 de Novembro de 2020, de: <https://www.researchgate.net/publication/343981679> Orientacao Vocacional Raca

[e Poder implicacoes psicopoliticas de processos de dominacao social](#)

Silva, Eliana Sousa. (2020). Prólogo: vivências e trocas – de tudo fica um pouco... Em Érica Peçanha. *Narrativas Periféricas: entre pontes, conexão e saberes plurais*. (pp 15-20). São Paulo: Editora Amavise.

Silva, Rafael Pompeu da. (2020). Revisitando minha trajetória. Em Érica Peçanha. *Narrativas Periféricas: entre pontes, conexão e saberes plurais*. (pp 31-40). São Paulo: Editora Amavise.

Recebido em 14/06/2020.
Aceito em 16/08/2020.